

PESQUISA E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LITERATURA EM MEIO DIGITAL

Débora Cristina Santos e Silva.¹

Rui Torres.²

RESUMO

Muitos desafios ao ensino de literatura tem-se configurado diante do novo contexto que se nos apresenta com o crescimento e a difusão dos meios digitais, que favorecem o intercâmbio intermédia e tornam a tarefa pedagógica muito mais complexa. Vivências de leitura, produção de textos e de escrita criativa podem ser proporcionadas em muitas situações de aprendizagem presencial ou a distância. Surge, a essa altura, a necessidade de se redefinir “textualidade” no sentido de abarcar os mais diversos níveis de metamorfose do texto digital, no âmbito da cibercultura, proporcionando um ensino de literatura mais articulado a esse novo contexto. Este ensaio consiste, portanto, num relato de pesquisa acerca desse tema, que se desdobra em duas principais direções: a) o processo de produção e recepção do conhecimento em meios digitais e b) as experiências de criação e fruição estética da literatura luso-brasileira contemporânea em média digitais – ambas voltadas à pesquisa aplicada ao ensino. A pesquisa foi realizada em estágio pós-doutoral na Universidade Fernando Pessoa (Porto-Pt), no âmbito do Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento (CECLICO), no qual atuamos como pesquisadora brasileira num projeto intercultural Portugal-Brasil. O projeto, intitulado PO-EX 70/80 - Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa, propõe o estudo crítico, o enquadramento teórico, a digitalização do acervo e a disseminação da literatura experimental portuguesa, bem como da produção digital de autores contemporâneos da literatura de expressão lusófona. Neste ensaio, especificamente, propõe-se alguns percursos metodológicos para a leitura de poemas digitais, enquanto transposição semiótica de poemas visuais, tendo em vista a mediação pedagógica do professor. Apresenta-se aqui, então, um exercício de releitura pelo processo de “escrileitura”, o que possibilita atividades de escrita criativa, viabilizada pelo uso de plataformas e/ou espaços virtuais de aprendizagem, a exemplo da página do PO-EX e do blog Poemário, criados, entre outras aplicações didáticas, para este fim.

¹ Pesquisadora do projeto “PO-EX 70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com fundos do MCTES e da União Europeia (Ref^o: PTDC/CLE-LLI/098270/2008), no Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento da Universidade Fernando Pessoa. Pós-doutora em Literatura e Hipermédia (UFP-Porto-Pt). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Centro Universitário de Anápolis-Go-Brasil. Pesquisadora da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia. desants@uol.com.br

² Professor Associado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto. Doutorado em Literatura luso-brasileira pela University of North Carolina at Chapel Hill, E.U.A. Investigador Responsável do Projeto “PO-EX 70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com fundos do MCTES e da União Europeia (Ref^o: PTDC/CLE-LLI/098270/2008). Orientador desta pesquisa. rtorres@ufp.edu.pt

Apresentamos, neste ensaio, um breve relato de nossa pesquisa de pós-doutoramento em Literatura e Hipermédia, junto à Universidade Fernando Pessoa (UFP/Porto – Portugal), na qual integramos a equipe do PO-EX 70/80 – DIGITAL ARCHIVE OF PORTUGUESE EXPERIMENTAL LITERATURE: FROM VISUAL AND SOUND POETRY TO CYBERNETIC LITERATURE, na linha de pesquisa *Produção e recepção de conhecimento em meio digital*, sob a orientação do Professor Doutor Rui Torres.

Esta linha de Investigação viabiliza o estudo das possibilidades de um novo vocabulário crítico e de novas posturas teóricas que permitam aprofundar o questionamento da produção do conhecimento científico a partir dos media digitais, pela realização de projetos hipermédia, em contexto acadêmico, sua leitura e avaliação. Busca demonstrar também as possibilidades de criação e recepção do discurso em linguagem digital, produzido pelo computador enquanto máquina semiótica, considerando as formas de apreensão das (inter)textualidades pelo utente/leitor, diante dos novos paradigmas de produção e recepção do texto na cibercultura.

Para isso, focalizamos as interfaces do discurso midiático, tendo como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem em AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagem), bem como a produção literária luso-brasileira contemporânea em média digitais e ciberliteratura, destacando as especificidades do hipertexto nas vivências de leitura e ensino da literatura. Propusemos, desta forma, uma reflexão sobre a transversalidade dos estudos comparados de literatura luso-brasileira, tendo em vista os recursos de linguagem hipermédia, propiciados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), na sociedade contemporânea, que explora a relação palavra-imagem, numa cultura expressivamente visual.

O estudo nasceu de nosso exercício de docência no Ensino Superior em Cursos de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Centro Universitário de Anáplis (UniEVANGÉLICA), bem como da participação, enquanto pesquisadora, no projeto intitulado “Estudos Transversais de Lírica Brasileira Contemporânea: leitura e ensino de poesia nas escolas”, que integra a REDE GOIANA DE PESQUISA EM LEITURA E ENSINO DE POESIA – com a parceria da UFG, UEG e UniEVANGÉLICA – credenciada pela FAPEGO (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás), cujo objetivo é contribuir para a formação de professores da Escola Básica, na região central do Brasil.

O projeto da Redepesq (como passou a ser chamada) abrange a obra de poetas de língua portuguesa, que iniciaram sua produção entre 1970 e 1990, bem como as produções artísticas de natureza não-literária, a exemplo da pintura, do cinema, do vídeo e da

hipermídia, numa tentativa de aproximação entre estas e a poesia, com vistas à elucidação dos elementos intrínsecos dessas modalidades de arte num diálogo possível com a literatura.

No âmbito do projeto, criamos o CENTRO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM (CEL), cujo objetivo é catalisar as ações de pesquisa desenvolvidas por professores e alunos pesquisadores da região, ligados aos programas de pesquisa das IES vinculadas à Redepesq, promovendo também encontros de capacitação de professores da Escola Básica e assumindo a gestão do programa de nivelamento em Língua Portuguesa da UniEVANGÉLICA – o UniLINGUAGEM. O CEL possui quatro linhas de pesquisa: 1. Textualidade em mídia digitais; 2. Produção e recepção de conhecimento em AVAs; 3. Estudos comparativistas de Literatura Luso-Brasileira contemporânea e 4. Linguagem, Tecnologia, Educação e Sociedade.

Com feito, neste ensaio, pretendemos demonstrar, por meio do relato de nossa experiência de pesquisa e mediação pedagógica, as possibilidades de diálogo entre Pesquisa, Ensino e Extensão na Universidade (no circuito acadêmico e em sua atuação comunitária), no sentido de promover a qualidade do ensino da literatura e da leitura nas escolas, pela construção do conhecimento especializado, tão necessário a uma adequada mediação pedagógica.

1. Ensino em meio digital

Nosso interesse pela pesquisa no processo de ensino-aprendizagem em meio digital tem sido motivado pelo novo contexto traçado na atualidade com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), intensificadas cada vez mais pela intervenção dos novos mídia digitais. Isso vem favorecendo fenômenos diversificados de produção e aquisição de conhecimento intermídia, o que torna a tarefa do professor muito mais complexa e desafiadora.

Na cibercultura contemporânea, o professor encontra diante de si um amplo e variado cabedal de ferramentas e recursos midiáticos que exigem dele, antes mesmo de começar a pensar a tarefa pedagógica, o desenvolvimento de habilidades e competências específicas para lidar com esse complicado universo de linguagens, de performances, de interações de mídias e interpretações de contextos que, além de complexos, se acumulam numa velocidade impressionante, nos percursos da grande rede mundial de computadores.

Apesar da inegável complexidade desse estado de coisas, não se pode negar também que o acesso ao conhecimento se tornou muito mais amplo com a democratização das

fontes do saber. Ações concretas em favor da chamada “inclusão digital” e do “letramento”, em sua natureza diversa, têm sido verificadas em todos os níveis de ensino. No caso específico da Literatura, vivências de leitura, interpretação de textos e produção de escrita criativa podem ser proporcionadas em muitas situações de aprendizagem presencial ou a distância. Nestas experiências, têm sido desenvolvidos softwares simuladores, por meio de programas de sintetizadores textuais, sendo estes executados repetidamente pelo estudante até a aprendizagem satisfatória. Fora do âmbito escolar, sites de compartilhamento “pipocam” em toda a net, onde uma quantidade assustadora de mídias são compartilhadas, integradas e transportadas, ao gosto de todo e qualquer usuário.

Já no âmbito do ensino formal, os recursos digitais podem também ser integrados a plataformas pedagógicas, simulando ambientes reais de aprendizagem, com o uso das TIC, a exemplo da visita a museus virtuais, experiências em laboratórios de línguas e de ciências, revistas interativas, vivências em *second life*, entre outros. Em cursos oferecidos na modalidade de Ensino a Distância (EAD), surgem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), a exemplo do Moodle e do TelEduc. Esses espaços favorecem a aquisição e a transmissão do conhecimento, uma vez que viabilizam experiências de construção coletiva, em processos de interação de indivíduos e/ou grupos, pela mediação dos diferentes actantes desse novo cenário: o professor-autor (que elabora materiais didáticos), o tutor de ambiente (que faz a mediação de alunos e grupos na web), o tutor de polo (que acompanha alunos em laboratórios informáticos, criados para este fim) e tantos outros.

De acordo com Araújo-Jr (2008), os AVA desempenham um papel fundamental nessa nova perspectiva de educação baseada no uso de recursos digitais. Assim, conhecer as potencialidades e os limites desse espaço de ensino-aprendizagem é essencial ao profissional da Educação hoje. Isso porque, nesse contexto de construção de conhecimento autônomo por parte do aluno, a função do professor se coloca num espaço delicado de (inter)mediação, que se configura por estimular as relações favorecidas pela web, como a interação, a dialogicidade, a investigação e a produção colaborativa de saber.

Desta forma, impõem-se ao professor da escola de hoje alguns desafios: a) familiarizar-se com a linguagem digital, no sentido de abrir-se ao diálogo hipermediático; b) adquirir noções básicas de recursos de hipermídia para elaboração de material didático; c) compreender a relação autoria-texto-recepção do utente/leitor no hipertexto e em mídias digitais; d) inteirar-se dos novos processos de avaliação na aprendizagem nesse contexto. São desafios envolvidos nos atual processo de comunicação, em que a aula, mais que um “lugar” de aprendizagem, se transforma em “evento comunicativo”.

A esse respeito, destaca Lévy (1990) o importante papel da transmissão de informações como a primeira função da Comunicação. Para ele, esse fator condiciona mecanismos cognitivos e discursivos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Esse dado deve ser considerado, sobretudo, no plano da linguagem. Segundo ao autor, “pelos seus atos, atitudes e palavras, cada pessoa que participa numa situação estabiliza e reorienta a representação que os outros protagonistas fazem da situação. Nesse aspecto, ação e comunicação são quase sinônimos”. (LÉVY, 1990, p. 27). Por isso, é preciso maior reflexão sobre as mudanças técnicas e linguísticas que ancoraram a construção social de diferentes tipos de cultura: a cultura oral, a escrita e a cibernética. (SILVA, 2009)

A esse respeito, assinala, ainda Pedro Reis (2006, p.43):

O uso do computador implica estratégias que se afastam do processo de leitura que o livro impresso nos habituou: a página luminosa exposta no ecrã apela mais a ver, a percorrer com o olhar, do que a ler em sequência.[...] Pode por isso afirmar-se que neste suporte o texto espetaculariza-se e demarca-se da inscrição rígida e fixa.

É assim que o sentido de um texto emerge e se constrói num contexto. Por isso, ensinar a operar um gênero textual é muito mais que ensinar técnicas de elaboração num dado formato, mas “um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2006, p. 24).

É justamente nesse âmbito das práticas discursivas que se impõe a compreensão do texto poético, especificamente o digital, o que exige de nós, professores, a disposição para investir em estratégias inovadoras de ensino que busquem a contribuição dos diferentes média e explorem a gama de recursos oferecidos pelas TIC, presentes nas relações sociais contemporâneas – terreno fértil para a nossa intervenção educativa, tendo em vista um futuro que já se mostra hoje diante dos recursos ilimitados da videopoesia, da holopoesia, da biopoesia e da LGC (Literatura Gerada por Computador).

2. Nos percursos da pesquisa

Diante do contexto então delineado, nossa pesquisa de pós-doutoramento, desenvolveu-se em duas linhas de investigação que se complementam: a) o processo de produção e recepção do conhecimento em meios digitais; b) as experiências de criação e fruição estética da literatura luso-brasileira contemporânea em média digitais – ambas voltadas à pesquisa aplicada ao ensino.

Na primeira fase, que compreendeu os 6 meses no Brasil (2009/2), desenvolvemos a primeira linha de investigação, tendo em vista nossa atuação como professora-autora de

material didático para a disciplina “Leitura e Produção Textual”, do curso de licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais da UFG (Universidade Federal de Goiás), na modalidade EAD, e também como professora-formadora dos tutores de AVA, na disciplina “Psicologia e Produção do Conhecimento”. Nessa experiência com EAD, já tínhamos produzido um material didático, que foi publicado em livro e em mídia digital (CD-Rom), em 2008, e também, já reformulado e ampliado, compôs a coleção *Tramas e Urdumes*, lançada pela Editora da UFG, em 2010. No âmbito dessa experiência, pudemos contribuir diretamente com o processo de construção de conhecimento, por meio da interação com os professores orientadores (tutores de AVA) e graduandos do curso, nos momentos de planejamento da disciplina, de participação nos fóruns virtuais e na preparação de material didático de apoio aos conteúdos trabalhados. Por economia de meios, devido a concisão própria do ensaio, não faremos aqui o relato desta fase de nossa pesquisa.

Na segunda fase, que consistiu nos 6 meses de estágio pós-doutoral em Portugal, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica e telemática sobre a poesia experimental portuguesa, a literatura digital e a ciberliteratura luso-brasileira. Nesse percurso, recorremos a um imprescindível acervo crítico, a fim de construir o aporte teórico necessário à fundamentação de nossas reflexões sobre a literatura eletrônica e o contexto da cibercultura. Desse acervo, destacam-se os nomes de Marshal McLuhan, Walter Benjamin, Abraham Moles, Lev Manovich, Claus Clüver, Phillip Boltz, Aarseth, Glazier, Viullemin, além dos pesquisadores portugueses, que apresentam igualmente uma bibliografia relevante sobre o assunto, a exemplo de Ana Hatherly, Melo e Castro, Pedro Barbosa, Pedro Reis e José Augusto Mourão.

Numa atuação mais pragmática, integramos a equipe do Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento (CECLICO), da Unidade de I&D, da Universidade Fernando Pessoa (UFP), acreditada pela FCT. É nesse espaço acadêmico e científico que se desenvolve o PO-EX 70/80, projeto que tem como proposta o estudo, a catalogação, a digitalização e a recriação, em hipermídia, da Poesia Experimental Portuguesa, além da investigação dos processos de produção e fruição da ciberliteratura luso-brasileira, com a participação efetiva de pesquisadores de Portugal e do Brasil. Este grupo mantém também parcerias com várias outras Universidades europeias que ampliaram nossas possibilidades de participação em redes de investigação científica (a Universidade de Santiago de Compostela e a Universidade Aberta de Barcelona, na Espanha; a Universidade Paris VIII e a de Artois, na França; entre outras). Nesse contexto, realizamos Missões de pesquisa em algumas dessas universidades: a USC (Santiago de Compostela) e a UGR (Universidade de

Granada), além da participação em eventos científicos na Universidad Complutense de Madrid, na Universidade de Coimbra, na Universidade do Minho e na Universidade Nova de Lisboa.

Desta forma, desde o início da execução do projeto, em março de 2010, desenvolvemos um trabalho de mapeamento das produções em hipermídia lusófonas, quando percebemos que a noção tradicional de “gêneros textuais” estanques e configurados segundo uma certa “estrutura textual” já não se sustentava, num contexto claro de hibridismo e produção intermédia. E esse fenômeno atinge, sem dúvida, o terreno da teoria literária, uma vez que esse novo estado de coisas exige do crítico uma nova postura frente a interpretação da obra e do próprio processo de criação literária. As questões de autoria, direitos autorais, classificação e caracterização da obra literária (se é que isso ainda é possível e desejável nesse contexto), definição de gêneros textuais, entre outras, se interpõem ao papel do crítico, do teórico da literatura e do professor na atualidade.

Tendo em vista aspectos estético-literários relevantes como a *Visualidade, a Expressividade e a Materialidade da Literatura Digital*, começamos a investigar a rica experiência de criação literária e produção dos escritores da poesia experimental portuguesa, iniciada pelos anos 60 e que se desdobra vertiginosamente entre os anos 70 e 80, e para além, uma vez que, nessa pesquisa, defendemos a hipótese de ter sido exatamente a poesia experimental e o movimento da poesia concreta o germen de toda a ciberpoesia que se configura na literatura luso-brasileira contemporânea.

Para discutir as textualidades da literatura digital e da ciberliteratura, buscamos o aporte teórico da crítica literária contemporânea, a exemplo do engenheiro têxtil, designer e poeta português Ernesto Manuel de Melo e Castro, que apresenta uma vasta produção crítica e poética, na qual se destacam obras como *Poética dos meios e arte high tech* (1988), *Finitos mais finitos: ficção/ficções* (1996), *Algoritmo: infopoemas* (1998). Juntam-se a ele poetas, críticos e pesquisadores portugueses e brasileiros, em torno de dois grandes centros de estudo da ciberliteratura e da poesia digital na atualidade, o CECLICO, na UFP- Porto-Pt, e o NuPH (Núcleo de Pesquisa em Hipermídia), na PUC-SP-Br, destacando-se as figuras de pesquisadores como Pedro Barbosa, Pedro Reis, Rui Torres, Manuel Portela, Jorge Luiz Antônio, Sergio Bairon e Luís Carlos Petry, entre outros. (sites: www.telepoesis.net; www.po-ex.net; www.laboratoriumdigital.org).

Nesse contexto, desenvolvemos nossa investigação no âmbito da literatura digital e ciberliteratura luso-brasileira, numa abordagem comparativista das produções de autores da poesia experimental portuguesa e da infopoesia brasileira contemporânea, com vistas a

identificar os pontos de confluência, os recursos retóricos e as propostas formais, no transporte da palavra à imagem. Os estudos foram, assim, realizados num processo de imersão no ambiente de criação virtual, para a exploração das possibilidades utilização de ferramentas, metodologias e estratégias de leitura que favorecessem a aprendizagem e a formação do leitor, uma vez que os recursos da digitalização (softwares e sintetizadores de texto, como o SINTEX) e o uso do computador enquanto máquina semiótica (vídeo-poesia, hiperficção, ópera quântica) permitem ilimitadas experiências de criação literária.

3. Literatura digital: interfaces do texto literário

A trajetória da literatura digital foi traçada gradativamente ao longo do tempo, desde que os primeiros PC (Personal Computers) apareceram, na década de 1980, inaugurando a chamada “revolução tecnológica” e favorecendo o nascimento da cibercultura. Esse termo, já bastante popularizado hoje, aglutina o prefixo grego “ciber” (piloto) ao termo cultura, sugerindo exatamente o sentido de movimento, de navegação, de trânsito, o que ressalta o intenso dinamismo dessa sociedade da informação. (BARBOSA, 2009)

E é justamente no domínio dessas produções que abrem o espaço de diálogo intermédia – a videopoesia, a holo e a biopoesia, a hiperficção e a LGC – que nos encontramos com poetas luso-brasileiros contemporâneos, a exemplo de E. M. de Melo e Castro e Pedro Barbosa, Eduardo Kac e Arnaldo Antunes, integrantes de uma geração que renova o fazer poético, sem medo de aventurar-se ao novo, e sem perder o respeito à tradição e a tudo de valioso que ela nos legou.

Além destes, não se pode esquecer os que ousaram compor o discurso interartes, na exploração do poema-objeto, das instalações, da performance e do *happening*, como é o caso de Salette Tavares, Ana Hatherly e Fernando Aguiar. Deste modo, “não pondo em causa a literatura, pelo contrário, reclamando pertencer-lhe e inspirar-se nela, nomeadamente na tradição de experimentalismo literário, os poetas que utilizam o computador colocam-se, portanto, numa posição de continuidade e não de ruptura em relação às formas poéticas” (REIS, 2001, on line). Desse ponto de partida, passamos a considerar a Ciberliteratura e as possibilidades de ensino de literatura em hipermédia.

Com efeito, para Barbosa (1998), Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e

transmissor de informação, que é o seu uso corrente. Além disso, a introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção nas funções tradicionais do autor e do leitor, mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final. Desta forma, entra-se num processo de *escrita-pela-leitura* ou de *leitura-pela-escrita* que se pode denominar de "escrileitura", o que implica um novo papel para o utente/leitor – o "escrileitor". (Barbosa,1996). Nesse contexto de produção, uma grande variedade de formas de textualidade, integradas à multimédia, podem se concretizar por meio de complexos processos de transposição semiótica enriquecedores e abrangentes, tornando a experiência de fruição estética e aprendizagem muito mais eficiente.

Surge, a essa altura, a necessidade de se redefinir “textualidade” no sentido de abarcar os mais diferentes níveis de metamorfose que o texto alcança no contexto das mídias digitais, recorrendo a critérios que se estendem para além dos tradicionalmente considerados no âmbito do impresso, e articulando-os com a cibercultura (Reis, 2006). Em decorrência, surgem indagações, igualmente levantadas por Reis, quando nos adverte a questionar: “Qual será o estatuto de uma obra cujas manifestações textuais são incessantemente imutáveis? O que lê o leitor quando lê um percurso entre uma infinidade de percursos possíveis?... (Reis, 2006, p. 48). Nesse sentido, aparece também uma inevitável alteração no próprio conceito de texto, encarado, então, como uma “estrutura em processo”, ampliada em sua capacidade geradora de sentidos, e não apenas em seu sentido material, como um meio de comunicação intersubjetiva autor-leitor. (Reis, 2006, p. 51).

Adota, igualmente, Aarseth (1997) essa concepção de texto quando define “cibertexto” como todo o texto que tem mecanismos de retroação que permitem ao leitor configurar caminhos (*ergos + hodos = trabalho + percurso*). Essa definição coloca no mesmo critério de definição e enquadramento formal as produções que transitam do I-Ching aos contos do J. Cortazar, os caligramas de Apollinaire e os livros de crianças, de R. Queneau a MUDs, hiperficção e literatura generativa (Torres, 2008). O crítico cita, ainda, Friedrich W. Block, que se refere a categorias conceptuais que caracterizam a poesia digital, e que são muito úteis para se distinguir, com clareza, os princípios base destas criações: autoreferência medial; processualidade, interatividade, hipermedialidade e networking. Finalmente, ressalta que é preciso considerar que, tendo em vista as componentes mediáticas da hipermédia, disponíveis para utilização na literatura eletrônica, um número mais alargado de critérios deverá ser abordado: Interface, Imagem, Texto e Tipografia, Gráficos, Áudio, Vídeo, Animação, 3D, Espaço virtual, Web, Rede, Programação e Algoritmos, fatores que

contribuem para o processo de criação digital em hipermídia. Diante disso, uma grande variedade de formas de textualidade, integradas à multimídia, podem se concretizar por meio de complexos processos de transposição semiótica enriquecedores e abrangentes, tornando a experiência de fruição estética e aprendizagem muito mais eficiente.

Afinal, no estado em que se encontra hoje, de acordo com Barbosa (2001), a LGC abrange três grandes linhas, gêneros e/ou tendências de criação textual, as quais muitas vezes podem assumir uma forma mista: a) a *Poesia Animada por Computador* que, na continuidade da poesia visual, introduz a temporalidade na textura frequentemente multimidiática da escrita em movimento na tela do PC; b) a *Literatura Generativa* que, mediante "geradores automáticos" apresenta ao leitor um campo de leitura virtual constituído por infinitas variantes em torno de um modelo; c) a *Hiperficção* - narrativa desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto, firmada na noção de hipertexto, dentro das dimensões do hiperespaço, em que a intervenção do leitor vai determinar um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura.

Na sequência, poderíamos elencar alguns gêneros de produções poéticas digitais, baseados nas considerações de Manosso (1999) e Solt (1968): a) Poemas Sonoros: aqueles que valorizam a questão da sonoridade fonética, concebidos para o discurso oral; b) Poemas Gráficos: aqueles em que o aspecto gráfico-editorial faz parte da obra, como os poemas concretos; c) Poemas Cinéticos: aqueles que utilizam recursos de animação gráfica na sua construção, sendo voltados para a mídia animada, vídeo ou computador; d) Poemas Interativos: os que se utilizam de recursos de hipertexto ou programação, que permitam a interação do leitor com a obra.

Desta forma, tendo como ponto de partida o acervo da literatura luso-brasileira de caráter experimental, produzida entre as décadas de 1960 e 80, bem como a literatura em formato digital, que vem se consolidando como prática de criação literária na atualidade, nos propomos a desenvolver algumas estratégias de leitura e exercícios de escrita criativa no sentido de tornar mais eficaz o processo de ensino-aprendizagem da literatura em meio digital.

4. Leitura do poema digital: o processo de escrileitura

A experiência de leitura que aqui propomos resulta da iniciativa de pesquisadores que estudam a literatura luso-brasileira contemporânea, na perspectiva de sua herança estética, tendo em vista os movimentos da poesia experimental portuguesa e do concretismo brasileiro. Com o intento de promover a disseminação, o estudo teórico e o aproveitamento didático da

produção literária de nossos poetas e escritores, é que surgiu o projeto PO-EX 60/70-80, cuja plataforma se encontra disponível para a utilização de professores, pesquisadores e estudantes interessados. (<http://www.po-ex.net>). Com essa iniciativa, a Universidade Fernando Pessoa, juntamente com pesquisadores brasileiros, oferecem à comunidade acadêmica, aos professores e alunos da Escola Básica e ao público em geral uma plataforma virtual propícia à interação, apreciação estética e aprendizagem de literatura. Nesse portal, os professores poderão dispor de boa parte da produção poética dos autores portugueses, bem como de textos teóricos, escritos sob forma de artigo, que poderão ser úteis para a compreensão, interpretação e aproveitamento didático da literatura.

Convidamos, assim, o professor a seguir, a partir de agora, os passos necessários ao desenvolvimento de nossa experiência de leitura, melhor dizendo, de “escrileitura”, pela qual esperamos ampliar e diversificar suas metodologias de ensino e seu trabalho didático em sala de aula e fora dela.

A) Instruções:

1. Acessar o portal pelo endereço: <http://www.po-ex.net>
2. Explorar os links da barra superior para conhecer melhor o contexto do portal.
3. Clicar no link “Releituras”.
4. Neste, acessar uma das “releituras” - “Poemas em efe”, de Salette Tavares.

B) Transposição didática:

A essa altura, o professor estará diante dos poemas que nos propomos a analisar. Voltará sua atenção ao poema digital “Ferrugem”, de Rodrigo Melo e Pedro Reis, uma releitura em formato eletrônico de um dos “Poemas em efe”, de Salette Tavares, uma das poetas mais versáteis e criativas da geração PO-EX 60. Logo abaixo, terá a versão original do poema visual da autora, publicado antes num dos Cadernos do grupo. Para conhecê-la melhor e os aspectos peculiares de seu trabalho poético e artístico, o professor poderá acessar, no link “Artigos”, o texto de Rui Torres, intitulado *Transposição e variação na poesia gráfica de Salette Tavares*. Seria interessante ler também o texto de Pedro Reis, que consta no mesmo link, cujo tema *Media digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade*. Este ajudará o professor a compreender melhor as muitas possibilidades de construção do texto impresso ao digital.

Partindo do poema de Salette Tavares, o professor poderá iniciar, junto com seus alunos, um estudo exploratório do vocabulário utilizado pela autora para compor seu texto. Os

vocábulo parecem surgidos diretamente de um dicionário, uma vez que consistem todos em termos iniciados pela letra “F” (fonte, fauna, fome, ferrugem, face, falo, etc). No entanto, subvertendo a ordem linear e alfabética do dicionário, a poeta os dispõe de forma dispersiva, ordenando-os em grupos de vocábulos, distribuídos na página, em diferentes direções de leitura: de baixo para cima, de cima para baixo, na lateral, etc. Já aí se percebem alguns recursos da poesia visual: o aproveitamento do espaço em branco da página, o efeito visual da palavra sobre a página, a sugestão de movimento, as múltiplas possibilidades de leitura. O professor poderá sugerir aos alunos a busca de relações entre os vocábulos agrupados, privilegiando os aspectos fônicos (construção dos sons) e visuais (construção de imagens). Aqui, ele pode aproveitar para esclarecer conceitos como “aliteração” (repetição de fonemas consonantais) e “assonância” (repetição de fonemas vocálicos), lembrando-se de que, no nível fonético do poema, nunca se deve referir-se à letra (no caso a letra F, mas ao fonema /f/). Aqui as palavras “ferrugem” e “fedor” (captar a supressão do fonema /e/) são dignas de nota. Depois, é possível estabelecer relações semânticas, uma vez que o conteúdo desses termos, envolvidos nesse contexto de construção poética não pode ser desprezado. Nessa altura, o uso do dicionário para esclarecer alguns significados de palavras pode ser útil para uma melhor compreensão do poema. Seria interessante também observar que a poeta utiliza esse recurso por meio do asterisco posto para designar o significado do vocábulo “facheta”. Algumas palavras podem ter duplo sentido, como “falo”, que pode ser entendido como substantivo (falo) ou verbo (1ª pessoa de falar) e “fá-lo” (fazer isso). Isso pode despertar a discussão sobre a necessidade de “contextos” de interpretação das palavras, o que fica bastante diluído em poemas dessa natureza. Nesse caso, pode-se refletir sobre a intencionalidade da poeta ao construir seu texto. Mesmo uma aparente “falta de sentido” faz sentido, ou mesmo, vários sentidos. É possível explorar essa dimensão da comunicação da mensagem, lembrando que um poema é primacialmente um “evento comunicativo”. Na sequência, o professor pode propor alguns exercícios de escrita criativa, como num “ateliê de poesia”. Um exercício bem divertido seria propor a elaboração de frases de efeito, humor ou *nonsense* com as palavras do poema, criando situações caóticas de escrita: Não faço o que falo, mas falar é fácil / Falar e flamar, é só fomentar/ A ferrugem fere até mesmo o ferro/ Fui-me fera ferina em faminta forca/ A flor fusível foge à flauta fonte. (É preciso lembrar que não se deve dar uma série de exemplos a serem “copiados” pelos alunos. Apenas lançar algumas sugestões que estimulem a criatividade). O resultado pode ser um poema dadaísta, um poema concreto, um jogo de linguagens, como “provérbios em f”.

Para revisitar as primeiras criações dos poetas concretistas e do experimentalismo português, poderia ser proposto também um exercício de elaboração de poemas visuais, tendo como base vocabular uma outra letra do alfabeto para construção de novos fonemas e grupos de palavras (P, R, T...), estabelecendo novas relações morfossintáticas e semânticas, e explorando, assim, os recursos da musicalidade, do ritmo, da espacialidade, da visualidade do poema. Inicialmente sem animação ou uso de recursos acústicos e/ou cinéticos, os textos seriam elaborados no papel (ou tela do PC), mas apenas com recursos da escrita: tipo, cor, formato das letras, configuração do espaço, direções de leitura, formação de imagens estáticas, enfim. Na prática, essa experiência poderia gerar uma reflexão fecunda sobre as peculiaridades do gênero lírico, bem como os recursos estilísticos a serem explorados na composição de produções dessa natureza. Poemas em forma de caligramas - que criam figuras, a exemplo de taças, de asas, de cruzes, cubos e círculos, entre outras formas, ou mesmo uma revisitação do Soneto, enquanto forma fixa (2 quartetos e 2 tercetos), mas com uma “performance” moderna. Talvez o resultado pudesse ser um *Soneto em S* - para contrastar uma forma fixa, estruturada - com uma configuração mais livre, sem ritmo ou rima, em versos livres, ou mesmo, apenas em imagens de Ss, como num poema visual do Concretismo.

Junto dessas atividades de leitura e escrita com o poema visual, o professor poderá trabalhar também com o poema digital, que, nesse caso, consiste em mais um exercício de escriteira do poema original. Nesse poema, Ricardo Melo e Pedro Reis utilizaram recursos de animação para dar movimento às palavras e reproduzir, com muito mais eficiência, o efeito sugerido por Salette Tavares no poema impresso. Esse fato, por si mesmo, já pode suscitar uma discussão com a turma a respeito da intensificação dos “efeitos de sentido” da mensagem em formato digital, uma vez que o poeta tem a seu dispor muitas ferramentas e recursos de natureza multimidiática para a transposição de códigos e signos (palavra, som, imagem, movimento, animação, ritmo, entre outras).

Um dos primeiros efeitos que chamam atenção no poema digital é o cinético, haja vista o movimento conferido às palavras, que “passeiam” no espaço em branco, já agora em terceira dimensão, uma vez que não se encontram mais no plano linear do papel. Há uma dimensão de profundidade, de zoom, que lança outras perspectivas de leitura ao olhar. A palavra “ferrugem” se estende, como um longo trem de vagões, pela repetição da “letra r”, destacando-se, nesse caso, o efeito visual da sequência de rrrrrrrrrrrr, que compõem a “imagem” do trem, bem como da repetição do fonema /r/, aqui sugerindo o efeito sonoro de um antigo trem de ferro. A letra **f** (em tipo minúscula/aumentada) se destaca também (formando a palavra “falo”), sendo lançada de um lado a outro do poema, como um referente

que se repete ao infinito, o que amplia em muito suas possibilidades de significação. As outras palavras gravitam como satélites num sistema em rede, num trânsito descontínuo e fragmentário, que pressupõe a própria potencialidade do “caos” (do dicionário, da língua, do signo??) em seu estado de virtualidade (fecundidade?). Esse jogo de espelhos, que sugere uma constelação de signos verbais, já em si mesmo aponta para a metáfora do “virtual”, que se opõe não ao “real”, mas ao “atual”, segundo bem assinala Pierre Lévy, em seu texto *O que é o virtual?* Neste, esclarece o autor que o termo “virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência (...) A árvore está virtualmente na semente (...) O virtual não se opõe ao real, mas ao atual” (LÉVY, 1996, p.15,16). Esse conceito é importante porque ajuda o professor a esclarecer a seus alunos que a virtualização é uma experiência muito anterior ao aparecimento dos média digitais e da internet, considerando-se inclusive a religião, a memória, o conhecimento e a imaginação (arte, literatura...) como formas de virtualidade. É assim que o texto virtual só passa a existir no momento de sua atualização, quando se dá o processo de escrita. Nesse âmbito, indaga Pedro Reis: “Onde está o texto informático? Num certo sentido, podemos afirmar que não está em lugar nenhum (...) não se encontra num lugar determinado (...) o leitor contempla o poema, vê o texto ganhar vida diante de seus olhos e durante um determinado período de tempo. (REIS, 2006, p. 45,46). Assim, temporalidade, materialidade e visualidade são dimensões que se apresentam de forma bastante diferenciada no texto digital.

Para explorar essas dimensões, o professor poderá propor atividades de escrita criativa com a *performance* (misto de leitura oral, teatro, mímica, expressão corporal), com a elaboração de *vídeo* e *infopoesia* (utilizando recursos de edição de imagem e som, interação de diferentes média para fazer animação), enfim. Se a escola tiver um laboratório de informática, alguns desses recursos estão disponíveis em softwares especializados de acesso livre. Novos poemas cinéticos poderão surgir e uma exposição desse trabalho poderia ser bem interessante.

Um outro recurso possível seria utilizar-se do *Poemário*, blog de poesia combinatória, aberto ao domínio público, criado pelo ciberpoeta e pesquisador português Rui Torres, coordenador do CECLICO, e que está disponível no endereço: <http://telepoesis.net/poemario>. Nesse blog, os alunos poderão ser conduzidos em exercícios criativos de elaboração de poemas digitais por meio de um programa de computador que consiste num gerador de texto automático (SINTEXT – criado por Pedro Barbosa, Abílio Ferreira e José Manuel Torres), atualizado por Rui Torres e Nuno Ferreira. O site é fácil de usar. Ao acessá-lo, basta clicar em um dos *Motores Poéticos*, “montar” o poema e clicar em @

para publicá-lo. O uso do *Poemário* pode favorecer frutíferas experiências de escrita criativa em aulas de leitura/produção de textos e literatura em escolas que possuam laboratório de informática. O acesso é livre e gratuito. O professor da Escola Básica, bem como o Universitário, tem a seu dispor um recurso didático interessante, a ser utilizado em aulas de estágio curricular e/ou laboratório de leitura em escolas.

Diante do que foi exposto, nossa palavra final consiste na abertura de um espaço acadêmico para a pesquisa, discussão e acolhimento de propostas direcionadas às soluções didáticas necessárias aos novos desafios que se nos interpõem para o ensino de literatura na atualidade. Assim, nossa expectativa é que tanto os colegas pesquisadores, quanto os alunos, bem como os professores da Escola Básica e seus alunos, encontrem na Universidade um ambiente propício à pesquisa, à produção, à aquisição e à disseminação do conhecimento, base tão necessária à formação das novas gerações de leitores.

REFERÊNCIAS

AARSETH, Espen. *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*. Baltimore, Johns Hopkins UP, 1997.

ARAÚJO-JR, Carlos Fernando de. Ambientes virtuais de aprendizagem: comunicação e colaboração na Web 2.0. In: MARQUESI, Sueli Cristina et AL. (org). *Interações virtuais...*São Carlos: Editora Clara Luz, 2008.

BARBOSA, Pedro. *A Ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Cosmos, 1996.

_____. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador. *Revista da UFP*, Porto, Pt, v. 1, n. 2, p.181-188, maio/1998.

_____. O computador como máquina semiótica, 2001. Disponível em: <<http://pedrobarbosa.net/artgonline.htm>>. Acesso em: 21 de outubro de 2010.

_____. Aspectos quânticos do cibertexto. *Cibertextualidades*, v. 1, CETIC, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2006. Disponível em: www.po-ex.net, 2009.

_____. Da urgência de um dispositivo crítico adequado às novas textualidades digitais. In: Prefácio de MOURÃO, J.A. *Textualidade eletrónica: literatura e hiperficção*. Lisboa: Nova Vega, p.10, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MANOSSO, Radamés. *A poesia e as mídias que a suportam*. 1999. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/radamesv/proposta.htm>>. Acesso em: 24 de setembro de 2010.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

REIS, Pedro. Média digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. *Cibertextualidades*, Porto, Pt, n. 1, p. 43-52, jan/dez. 2006. ISSN: 1646-4435.
_____. Poesia e(m) computador. Atas do IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA, v. III, 2001. Universidade de Évora. Disponível em: www.eventos.uevora.pt/pdf.

RISÉRIO, Antônio. Ensaio sobre o texto poético em contexto digital. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. COPENE, 1998.

SILVA, Débora C.S. Do verbo ao pixel: interfaces do poético em hipermédia. *Cibertextualidades*, Porto, Pt, n. 3, p. 31-41, jan/dez. 2009. ISSN: 1646-4435

SOLT, Mary E. *Concrete poetry: a world view* Introduction. 1968. Disponível em: www.ubu.com/papers/solt/intro.html. Acesso em: 25 de setembro de 2010.

TORRES, Rui. Transformação, transposição e variação na ciberliteratura de língua portuguesa, 2008. Disponível em: <http://telepoesis.net/papers>. Acesso em: 26 de setembro de 2010.

WEBREFERÊNCIAS

<http://www.telepoesis.net>
<http://www.po-ex.net>
<http://www.laboratoriumdigital.org>
<http://www.ociocriativo.com.br/meloecastro>
<http://www.pedrobarbosa.net/artigos-online/lgc-artigo.htm>
<http://www.triplov.com/creatio/mourao.htm>
<http://hypermedia.univ-paris8.fr/Groupe/biblio.html>
<http://www.cyberartsweb.org/cpace/>
http://www.geocities.com/a_fonte_2000/tecnopoesia.htm
<http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>
<http://directory.eliterature.org>
<http://www.sitec.fr/users/akenatondocks/>
<http://www.ciberpoesia.com.br/>